



Projeto: A Rede é nossa!
Professora: Mayara Fiorito Faraco

O projeto de Arte “**A Rede é Nossa!**” se desenvolveu na **EMEF Prof. Osvaldo Quirino Simões**, localizada na Zona Norte de São Paulo – SP com estudantes do **sexto ano do ensino fundamental II**. Inicialmente apenas com o 6º ano A (única turma que eu tinha como sala atribuída nesta faixa etária nesta unidade escolar), mas ao longo da trajetória estudantes de outros sextos anos se ligaram ao projeto. Com a conexão do projeto com os momentos dos intervalos, as experiências se expandiram para toda a escola.

A minha maior **inquietação** como educadora nesta unidade escolar foi notar uma grande dificuldade de os estudantes trabalharem em conjunto e pensar em um fazer **coletivo**. O sexto ano foi escolhido, por estar em um período de transição, a passagem do fundamental I para o fundamental II. Em reuniões com o corpo docente da unidade escolar, foi discutido a dificuldade de trabalhar o coletivo e a hipótese de que esta seria uma das questões geradoras de conflitos entre os educandos, principalmente nos momentos dos intervalos.

Os intervalos ocorriam no pátio da escola, um corredor comprido mas estreito e com diversos pilares, como vemos na imagem ao lado. Depois que iniciamos o projeto foi permitido utilizar a quadra descoberta (nos dias sem chuva) para ampliar o espaço do brincar. Isso só foi possível, através de uma rede de parcerias, composta por educadoras e funcionárias da unidade escolar que participaram de alguns momentos do projeto, principalmente nos intervalos e nas visitas fora do espaço escolar que ocorreram ao longo do trajeto. Paulo Freire fala da importâncias de tecer parcerias, como vemos sua explicação no trecho a seguir:

“O que quero dizer com trabalhar, ou criar ou desenhar o mapa ideológico? Significa que eu preciso saber com quem eu posso contar, com quem eu pareço, e contra quem talvez eu vou ter que estar. Se eu não conheço os níveis de poder do que está em oposição a mim eu não posso lutar. É suicídio. [...] eu cheguei à conclusão de que há três professores e cinco estudantes no departamento onde estou lotado, com quem posso conversar acerca dos sonhos. E aí eu começo a trabalhar com eles para a realização dos sonhos. Em um determinado momento, pode ser que seja possível ir além do nível onde me encontro, agora com estas oito pessoas. É possível que um mês mais tarde nós consigamos descobrir mais pessoas ... (FREIRE,2014 p.84)”

A escola é um organismo vivo coletivo e plural, se fazendo necessário tecer parcerias para lutar e realizar sonhos como disse Paulo Freire. Ao longo do percurso os próprios estudantes também se tornaram meus parceiros, fazendo parte desta Rede de parcerias.



Foto do pátio da EMEF Prof. Osvaldo Quirino Simões onde ocorre os intervalos da unidade escolar Fonte: Arquivo pessoal



“Cabeça Coletiva”, 1975. Lygia Clark e estudantes da Sorbonne. Fonte: <<https://www.dancaemtransito.com.br/ana-vitria>> último acesso 23/05/2020



Crianças com o “Corpo Coletivo” no Paço Imperial 1986 Fonte: Cortesia "Associação Cultural do Mundo de Lygia Clark", Rio de Janeiro

No mesmo momento em que estava analisando a escola e as discussões sobre coletivo que ocorriam na unidade escolar, a imagem da “**Cabeça Coletiva**” de 1975 e a sua história me instigaram, pois descobri que Lygia Clark ministrou um curso na universidade Sorbonne em Paris nos anos 70 e desenvolveu junto com estudantes diversas proposições Coletivas.

Fiz uma viagem até o Rio de Janeiro para pesquisar a artista na “**Associação Cultural Mundo de Lygia Clark**”. Nesta pesquisa me despertou para as proposições “**Rede de Elástico**” de 1974 e do “**Corpo Coletivo**” em uma exposição 1986 com crianças. Já conhecia estas proposições antes da viagem, mas este processo de pesquisa mais profundo me fez ver o potencial destas proposições que poderiam ser dispositivos para experiências coletivas. Já havia trabalhado com algumas proposições de Lygia Clark em outras escolas, mas foram os estudantes do sexto ano da EMEF Osvaldo Quirino Simões que transformaram estas em **Jogos Propositoros!**

Mas o que é um **Jogo Propositor**? O “termo “proposição”, podemos atribuí-lo à artista brasileira Lygia Clark (1920-1988), a qual concebia o artista como um propositor ou um **canalizador de experiências.**” (RACHEL, 2019, p.135), no seu livro-obra de 1964, Lygia define três pontos essenciais de um propositor: **o diálogo, a ação e o agora.** Naira Ciotti lê as proposições de Lygia Clark como performances e acredita que a “**performance provoca mudanças no olhar e na sensibilidade dos indivíduos, tendo uma função pedagógica.**” (CIOTTI, 2014, p.63) e que a “**experiência pedagógica não pode ser separada da artística.**” (CIOTTI, 2014, p.62).

*** Lygia Clark e suas proposições deram base teórica ao processo, mas é importante destacar que o trabalho não tinha como foco a artista e sim os processos de criações coletivas, experiências e relações que construímos juntos. Uma estudante disse em um momento do projeto que eles estavam mais famosos que a Lygia Clark por conta da Rede Coletiva(imagem da capa) que os estudantes haviam criado a pouco tempo. Esta fala representou muito para mim, pois eles estavam valorizando o próprio trabalho e o próprio processo e experiências que estavam vivendo.



Foto acima escola EMEF Prof. Osvaldo Quirino Simões e abaixo registro da caminhada ao Horto. Fonte: Arquivo pessoal



Etapas do Projeto

Etapa 1

Diálogos, Reflexões e Arte Postal

Antes de iniciar o projeto, três diálogos com os estudantes do sexto ano (6ºA) no primeiro semestre, foram importantes para a reflexões e teceram um novo olhar para este espaço. **O primeiro diálogo surgiu em uma saída pedagógica** no início do ano letivo, a proposta do corpo docente foi caminhar com os estudantes dos sextos anos (120 estudantes aproximadamente) até o Horto Florestal e conhecer o Museu Florestal Octavio Vecchi, também conhecido como Museu da Madeira.

Não fui a professora que planejou esta saída, mas fui convidada a participar desta caminhada. Durante o trajeto, por novos espaços fora da sala de aula, entre ruas, avenidas, vielas, córregos e atalhos em meio a natureza, conversava com uma estudante sobre o próprio caminhar e no meio do diálogo está me perguntou: **“Pro (sic), por que não trabalhamos o coletivo? Eu sei que é difícil trabalhar em grupo, mas seria legal todo mundo junto, onde todos podem criar uma obra só.”**

A pergunta da estudante vai ao encontro das inquietações da unidade escolar, sobre as dificuldades de os estudantes trabalharem coletivamente. Porém, nesta caminhada, mesmo com um grande número de alunos, essas dificuldades não estavam presentes, as relações entre os estudantes e destes com os professores desenvolveu-se de forma horizontal, um auxiliava o outro nos desafios físicos daquele caminho. **O diálogo e a própria vivência do caminhar fizeram-me pensar sobre como o espaço interfere nas relações e nas experiências coletivas.**



Desenho de um estudante do 6º.A- Seja Livre! Fonte: Arquivo pessoal

Postal realizado por uma estudante do 6º.A (barbantes e rede) e já interferido por uma estudante da Argentina(desenho, pintura e escrita) Fonte: Arquivo pessoal



O **segundo diálogo** é atravessado pelo corpo escolarizado e pelo ambiente rígido da sala de aula, composta por volta de trinta e cinco cadeiras e carteiras enfileiradas, que limitam os movimentos pelo espaço. Entrando em sala de aula do 6º ano A, alguns dias depois da caminhada até o Horto Florestal, escutei uma estudante comentar com uma colega que não aguentava mais ficar sentada, ao ouvir esta fala modifiquei o início da aula, propondo que todos se levantassem para fazer alongamentos e criamos juntos alguns pequenos movimentos gestuais. **Uma outra estudante diz que o ato de se movimentar no início da aula foi uma “perda de tempo”** e ao questioná-la o porquê desta visão, sua resposta foi que “apenas se mover não iriam aprender”. Indaguei a turma se o corpo também não era uma forma de arte e uma forma de conhecimento, pois **“o conhecimento se realiza na experiência.”** (ARAUJO,2007 p.40) A turma e a própria estudante não se pronunciaram neste momento, mas na sequência, em um processo de pesquisa de abstração a partir de um desenho figurativo, alguns estudantes escolheram desenhar o corpo como principal elemento. Um educando desenhou um menino com uma cabeça formada por várias linhas e dentro dela escreveu: **“Seja Livre!”**

No **terceiro diálogo**, as reflexões e os próprios diálogos se ampliam a partir de um convite realizado por duas professoras da Argentina, uma de Buenos Aires e uma de Castelar, para participar do projeto de **Arte Postal** gerenciado por elas intitulado “Proyecto Multiregional de Intercambio Artístico”. Este projeto consiste na troca de Artes Postais entre escolas públicas da América Latina. **A proposta das educadoras argentinas é:** cada escola tem a liberdade de escolher o tema e técnica, depois trocamos os postais, assim que receber além de discutir o tema dos postais também estes receberam interferências mesclando as poéticas dos estudantes, é um **trabalho coletivo a distância**. Depois desta interferência os postais retornam ao local de origem. **Os estudantes escolheram como tema a própria escola!** Realizaram os postais no primeiro semestre mas a troca apenas ocorreu no segundo semestre.

A proposta para o postal foi tecer com barbantes em uma tela maleável de plástico, muito utilizada em varandas e facilmente encontradas em material de construção. Já havia utilizado este material em outras proposições, mas escolhi este material pois a sua trama tem o mesmo entrelaçar da grade que divide as duas quadras da unidade escolar e o pátio. **A partir desta trama cada educando teceu seu olhar do espaço escolar.** Alguns educandos teceram palavras que acreditam ser importante na escola como respeito, paz e amor. Já outros estudantes criaram a partir do abstrato suas poéticas.

“A arte postal é uma arte tipo uma carta, muito usada na ditadura no Brasil para expressar o que realmente estava acontecendo aqui com outros artistas. Essa arte só foi revelada com outras pessoas além de artistas, quando acabou a ditadura e assim ficou conhecida por todo o mundo. A minha experiência foi legal e divertida, a gente fez uma arte e um selo e enviamos para Argentina.” (Relato de uma estudante do 6ºA)

O postal que vemos ao lado, foi realizado por um educando com deficiência motora, uma educadora em alguns dias da semana esteve presente para auxiliá-lo durante as aulas, mas para tecer na pequena rede o estudante disse que não precisava de ajuda. Se levantou e apoiou a rede sobre a mesa, com uma das mãos segurava a rede e a linha e com a outra mão levava as linhas para percorrer diversos caminhos que se movimentava juntamente com seu corpo. Ao finalizar pediu ajuda para fazer o primeiro nó, assim que aprendeu, realizou seus próprios nós e ajudou seus colegas de sala. **Segundo o estudante, o tecer foi muito prazeroso** e por conta disso me pediu para tecer mais duas telas, assim seu trabalho foi composto por estas três redes. **Os personagens sobre a tela e a pintura colorida em cada vão é o resultado da interferência de um estudante da Argentina no Postal.**

- “Na minha escola tem sinal de aula em aula [...]”
- “A minha escola tem: câmeras de segurança, carteiras e cadeiras novas e duas quadras. Como é a sua escola?”
- “Na nossa escola...Tem alunos sem educação, que não respeitam os professores, mas tem também alunos muito bons e estudiosos. E na sua escola?”
- “Na nossa escola tem 18 salas e duas quadras, apenas uma coberta. A sua escola é legal?”
- “Vocês gostam de arte postal/ arte correio? Porque eu gosto muito!”
- “Aqui nós temos um cantinho da leitura na hora do intervalo, mas não é a sala de leitura. Nosso intervalo é às 10:00. E vocês? Qual é a hora dos seus intervalos?”
- “Minha escola é muito bonita, tem comida boa e professores bons que se preocupam com os alunos.”

(Escritos de estudantes do 6ºano A no verso dos postais)



Arte postal realizado pelo estudante do 6º.A (barbantes e rede) e já interferido por um estudante da Argentina(pintura e colagem) Fonte: Arquivo pessoal

Etapa 2

Linha Orgânica e Jogo Propositor 1 - Caixa Coletiva

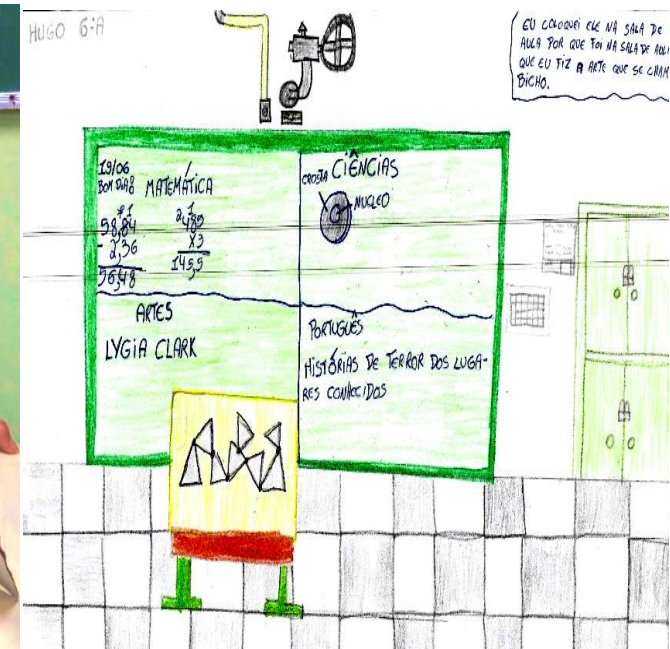
A série “Bichos” -1960 de Lygia Clark nasceu dos desdobramentos de sua pesquisa para ganhar o espaço e em busca de uma nova relação com o espectador. Nesta pesquisa se deu conta da “**Linha Orgânica**”, uma linha formada pelo vão, pelo vazio do encontro da tela com a moldura, Lygia denominou-a de “Linha Orgânica”, pois percebeu que esta linha estava na vida, como entre a porta e a parede ou entre dois pisos de madeira no chão. Em 1964, Ferreira Gullar publica um artigo na Revista Arquitetura, com o título “Lygia entre o brinquedo e a máquina” sobre a série “Bichos”. Lygia no mesmo ano deste artigo, apresenta as proposições “Caminhando” e “Caixa de Fósforo” onde declara que era um “**fazer arte como quem está brincando**” (CARNEIRO, 2004, p.101)

O **Jogo Propositor 1 - Caixa Coletiva** foi o único jogo criado por mim e ele nasceu a partir da Linha Orgânica e da minha viagem ao Rio de Janeiro para pesquisar mais sobre as proposições de Lygia Clark e encontrei um Brinquedo Popular Caixa Mágica no Centro de Tradições Nordestinas. Primeira aula referente ao Jogo Propositor 1, que ocorreu na sala de aula, expliquei para os estudantes sobre a linha orgânica e o percurso inicial da artista através de imagens impressas e plastificadas. Em uma roda de conversa os estudantes identificaram linhas orgânicas na escola. No final desta aula expliquei e mostrei o **Jogo Propositor**, uma ampliação do brinquedo Popular Caixa Mágica. **Para abrir a caixa eles deveriam achar a Linha Orgânica e que só era possível abri-la com pelo menos duas pessoas.** Em trio tentaram abrir a caixa mais não conseguiram e percebi uma pequena competição entre os trios.

Na aula seguinte, no pátio, fizemos uma roda e cada dupla ou trio tentaram abrir novamente a caixa. Os que estavam sentados na roda tentavam pensar como abri-la e davam dicas para quem estava tentando abrir, não havendo mais competição, pois a curiosidade para ver o que estava dentro da caixa era maior. Como não conseguiram abrir, mostrei rapidamente como abria e depois de um tempo todos conseguiram. **Dentro da Caixa Coletiva havia uma releitura da proposição “Bicho” feita de caixa de leite**, material que utilizou há sete anos em sala de aula com diversas faixa etárias. Os estudantes tiveram uma experiência individual e coletiva com esta proposição. Primeiro no pátio, cada um definia como ficaria o Bicho, e no pátio os outros estudantes tentavam fazer, com o próprio corpo, os movimentos do Bichos. Na aula seguinte na sala enquanto alguns interagem com o Bicho outros desenhavam o seu Bicho em um espaço da escola e escreveram o porque desta escolha. A maioria escolheu o local que mais gosta da escola, mas vemos que um estudante escolheu a própria sala dizendo que fez esta escolha, pois foi o local que ele teve uma maior experiência com o Bicho. **Mostrando que o local também interfere em nossas experiências.**



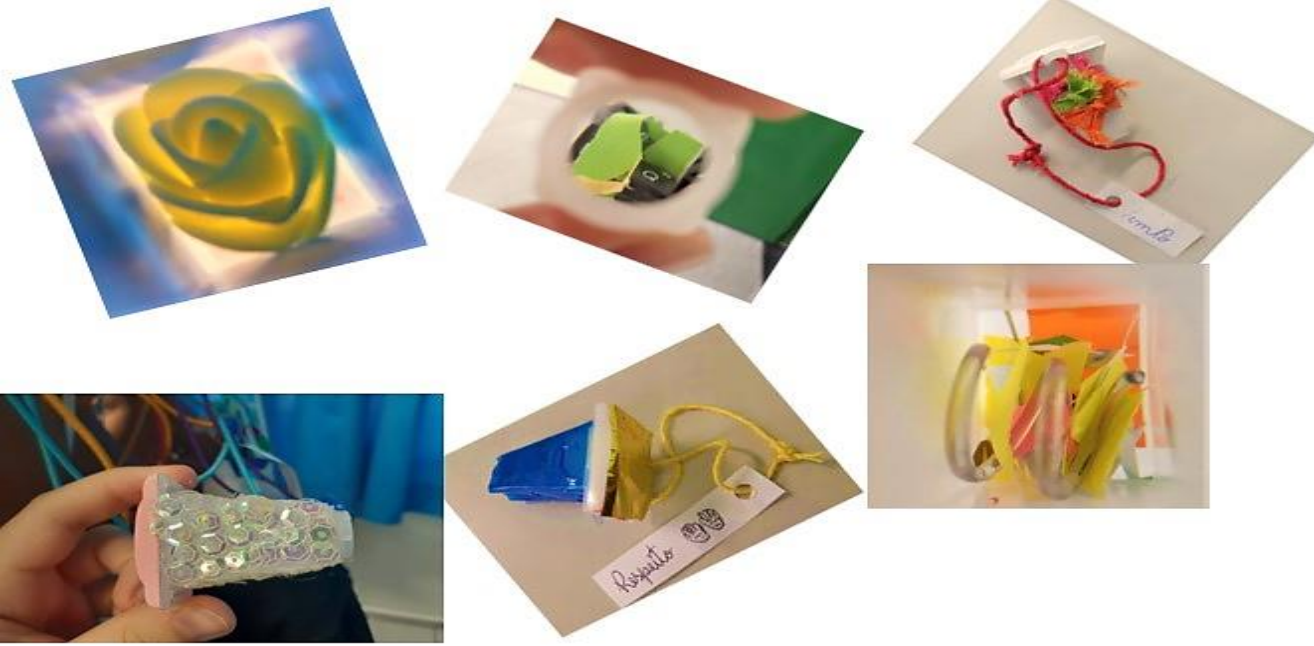
Imagem do Brinquedo Popular Caixa Mágica, registro da vivência do Jogo Propositor 1 no pátio da escola e na sala e desenho de um estudante do 6º.A
Fontes: Arquivo Pessoal





Flor *Adenocalymma nodosum*, Silva Manso. Fonte: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/pesquisa-da-ufu-analisa-planta-resistente-a-queimadas-em-uberlandia.ghtml>

Monóculos pétalas dos estudantes do 6 ano A. Fonte: Arquivo pessoal



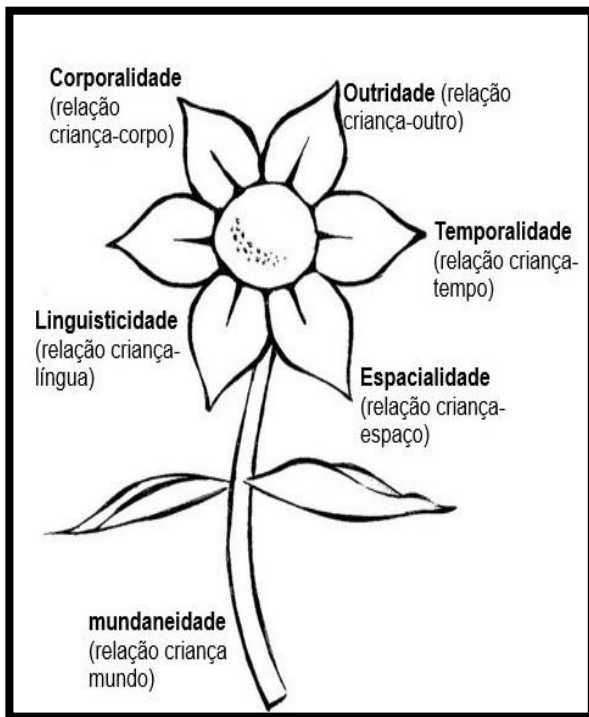
Etapa 3

Flores Coletivas e Jogo Propositor 2 - Cabeça de Monóculos

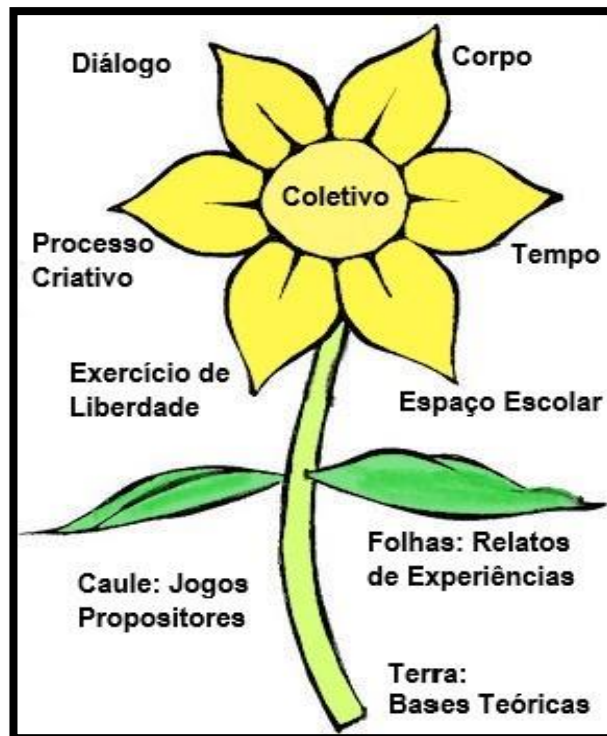
A fenomenologia foi umas das referências para olhar e refletir questões acerca do espaço escolar, pois **“ver fenomenologicamente significa compreender as coisas-que-se-doam-à-experiência.”** (Kretzer, 2011, p.41). Entrei em contato com a fenomenologia através do livro “Merleau-Ponty e a Educação” (2010) de **Marina Marcondes Machado**, que apresenta a **Metodologia da “Flor da Vida”**, mesmo sendo focada na educação infantil, vi o potencial da metodologia para guiar e entrelaçar as linhas iniciais deste projeto que se iniciava.

Mas se a flor da Marina Marcondes Machado é a “Flor da vida”, qual é a flor que poderia representar e ser símbolo da busca por experiências coletivas dentro do espaço escolar? No meio do projeto me deparei com a *Adenocalymma nodosum* mais conhecida como **Silva Manso**, que vemos na imagem ao lado. Trata-se de uma flor que renasce do fogo nos períodos de queimada do cerrado e segundo pesquisas realizadas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no Instituto de Biologia, a flor Silva Manso renasce de forma simétrica, o que atrai grupos de animais **que vivem no coletivo**, como abelhas e formigas, estimulando assim o desenvolvimento de todo o local, por isso é considerada uma flor pioneira. **E assim esta flor se tornou símbolo de resistência e coletividade.**

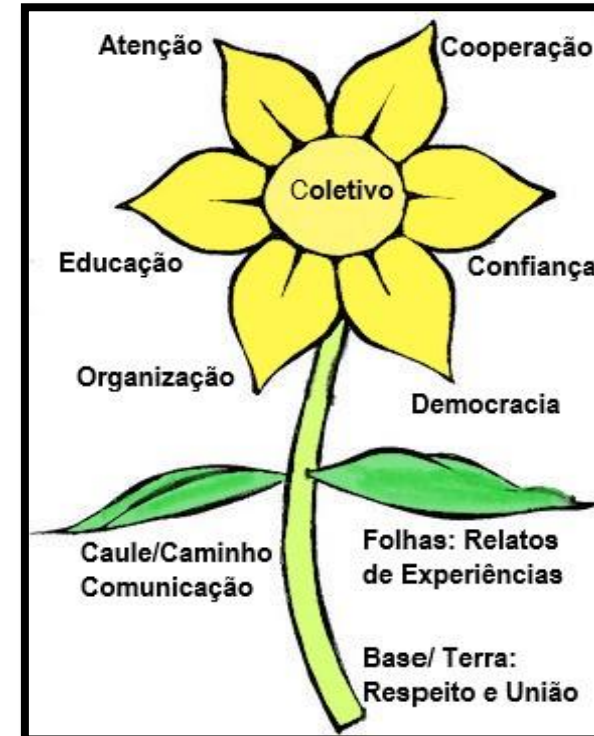
Alguns diálogos na primeira etapa já foram tecidos com os estudantes em relação ao espaço escolar, que é um ambiente coletivo. Mas nesta segunda etapa **junto com os estudantes decidimos como seguiríamos este projeto sobre o coletivo.**



Esquema realizado por mim da Flor da Vida de Marina Marcondes Machado



Flor Coletiva 1- Feita por mim para direcionar o projeto



Flor Coletiva 2- Feita pelos estudantes do 6º ano A

A Flor 1 foi montada por mim e a Flor 2 foi montada de forma democrática pelos estudantes do 6º ano A durante uma aula. Chamaremos estas duas flores de Flores Coletivas. Mostrei a minha flor para os estudantes apenas no final do processo e todos entenderam que não havia uma flor mais importante do que a outra e sim que uma completava a outra. Durante a construção das flores os estudantes disseram que acham difícil trabalhar no coletivo, mas que entendiam a importância de se trabalhar em grupo e que gostariam de construir algo juntos. **As palavras-chaves que compõem as Flores Coletivas nos guiaram os próximos três Jogos Propositores, que foram construídos e vivenciados por todos os estudantes envolvidos no projeto.** Para nos aproximarmos de forma atenta, afetiva e lúdica das palavras-chaves que compõem as Flores Coletivas, propus aos estudantes um **processo criativo-reflexivo dentro de um pequeno monóculo**, que vemos na imagem da página anterior. Cada estudante escolheu a sua palavra, tendo assim um olhar focado para uma pétala, mas todos os monóculos estão conectados com o miolo da flor, o coletivo, que guiou o olhar geral do grupo. Assim que finalizaram os monóculos, processo que durou duas aulas, houve uma troca de monóculos entre os estudantes, todos caminhavam pela sala para ver o monóculo de seu colega e também mostrar o que fez e brincavam com a possibilidade da luz e dos movimentos dos materiais dentro do pequeno monóculo.

Construção do Jogo Propositor 2 - Cabeça de Monóculos inspirado na “Cabeça Coletiva” 1975 de Lygia Clark.

Este Jogo foi o último acontecer no projeto, porém como ele se liga intensamente com os monóculos, é como se sua construção já tinha iniciado antes dos outros jogos. A escolha de utilizar os monóculos neste jogo partiu dos próprios estudantes. Os monóculos que foram feitos de forma individual se tornou um trabalho coletivo neste momento. **A construção deste jogo durou duas aulas como veremos a seguir:**



Cabeça Coletiva
2 Fonte: Arquivo
pessoal

Aula 1: para olhar os monóculos feitos pelos estudantes de forma mais atenta (e também poder rever os monóculos) uma aula foi destinada a um jogo que se ligou a pétala tempo. O próprio monóculo nos remete a esta pétala. A proposta se desenvolveu da seguinte forma: os monóculos foram entregues aos estudantes de forma aleatória, todos os monóculos foram colocados em uma sacola e cada estudante sorteou um para iniciar o jogo. Eu cronometrava um tempo e a cada etapa os monóculos eram trocados entre os estudantes e uma nova forma de se relacionar com o monóculo se desenvolvia.

1min - Cada monóculo foi criado a partir de uma palavra da Flor da Vida. Primeiro escreva esta palavra no papel e depois de olhar o monóculo você pode escolher outra palavra que o represente ou manter a mesma palavra que seu amigo colocou. Escreva quais movimentos você fez, para olhar dentro do monóculo. **5min** - Que palavra da flor da vida pode representar o monóculo que você está olhando? Crie uma história a partir do monóculo ou da palavra escolhida. **15 min** - Que palavra da flor da vida pode representar o monóculo que você está olhando? Quais movimentos podemos fazer com a Cabeça Coletiva de Monóculo-Pétalas? Desenhe o monóculo que está com você neste momento, pode ser por fora ou por dentro.

Aula 2: Foi proposto para os estudantes trazerem materiais que encontrassem na rua ou em casa para compor a Cabeça de Monóculos, mas apenas cinco estudantes levaram o material. Com isso a sala decidiu que o jogo seria composto apenas por elásticos, monóculos e uma caixa (caixa onde vem o material escolar dado pela prefeitura para os estudantes.) Houve um revezamento, para montar um objeto pequeno de forma coletiva, com elástico; cada um prendia um monóculos na caixa. Enquanto outros liam o que tinham escrito no dia anterior e outros criaram uma mini caixa sensorial com os materiais que decidimos não utilizar na nossa Cabeça Coletiva.

Vivências: Assim que finalizamos a construção, alguns estudantes se desafiaram para caminhar com a cabeça pelo corredor da escola. No dia seguinte, vivenciamos a Cabeça de Monóculos no pátio e outro elemento se uniu ao jogo: **um tapete de letras** que estava sendo utilizado nos momentos dos intervalos do ensino fundamental I com outro propósito. **Com estes dois elementos criamos brincadeiras onde o corpo dialogava com o espaço, tempo e com o coletivo.** Após as brincadeiras, com os movimentos do corpo e ao passar a Cabeça de Monóculos um para o outro, vários monóculos se abriram perdendo o que continha em seu interior e os elásticos se uniram fazendo um grande nó, impedindo no final de usarmos em nossas cabeças. Por isso duas estudantes construíram em casa uma nova estrutura para a Cabeça de Monóculo, feita com materiais encontrados em suas casas: feijão, arroz, caixa de papelão, durex colorido, papéis como folha de caderno. **As estudantes disseram que com estes materiais a nossa segunda Cabeça de Monóculos seria sensorial.** O sensorial faz parte das experiências coletivas vividas através dos jogos propositores, pois é no corpo que ocorre estas experiências. O grupo passou a se relacionar com **a segunda Cabeça de Monóculos** apenas para olhar os monóculos, sem grandes movimentos, portanto o jogo se desenvolvia a partir de vestir a cabeça e olhar atentamente os monóculos em diversas posições. **Mas o tapete de letras se transformou o elemento fundamental do Jogo Propositor 2, pois criou um espaço de brincadeiras nos momentos dos intervalos do fundamental II.** A cada dia os estudantes criavam novas possibilidades de se relacionar de forma livre com o coletivo que ocupava aquele espaço por um determinado tempo: **o intervalo.**

Cabeça Coletiva 1 e tapete de letras.
Fonte: Arquivo pessoal



Etapa 4

Jogo Propositor 3 - Rede Coletiva

O **Jogo Propositor 3** intitulado **Rede Coletiva**, inspirada na **“Rede de Elástico”** de 1974 de **Lygia Clark**, se fez presente até o fim do projeto, pois mesmo que caminhássemos por outros trajetos, experimentávamos outros jogos propositores sempre voltávamos a Rede. Alguns estudantes e funcionários da escola ao mencionar o projeto normalmente chamava-o de “Projeto da Rede”, portanto a o **Jogo Propositor 3 se tornou o centro do trabalho e expandiu o projeto**, pois não pertenceu apenas ao 6º ano A, **mas se conectou a escola como um todo.**

A **primeira etapa-** para a construção e experiências coletivas com o Jogo Propositor 3 - Rede Coletiva, foi a **visita ao CCBB-SP** a exposição “Vaivém” sobre redes do Brasil. Lá vivenciaram a proposição “Rede Social” de 2018 do coletivo Opavivará! como vemos na imagem ao lado.



Registro da visita ao CCBB Fonte: Arquivo pessoal



“Rede de Elástico” na Sorbonne-1974.

Fonte: Galeria Lurixs:

<http://www.lurixs.com/event/o-mundo-de-lygia-clark>


Nesse passeio fomos de ônibus até o centro da cidade. Quando chegamos lá fomos super acolhidos pelos monitores. No dia foi a exposição da rede, brincamos um pouco e fomos explorar um pouco do CCBB. Quando descemos uma escada e vimos um cofre gigante e pesado, o monitor explicou um pouco sobre o cofre e fomos para uma sala cheia de redes interessantes. (Relato de um estudante)

Segunda etapa- aula teórica e roda de conversa com os estudantes:

Na sala de multimídia da unidade, projetei imagens de redes que tivemos contato na visita ao CCBB para todos. **Ao perguntar para os estudantes do 6º ano A que imagem se criou em suas mentes ao falar a palavra rede, a maioria respondeu que pensou primeiramente nas redes de dormir**, alguns contaram que em suas casas ou em casas de parentes há este tipo de rede e lembraram alguns momentos afetivos em volta deste objeto. A rede de dormir é “ uma tecnologia ameríndia e que antes da invasão europeia nas América se desconhecia a sua existência.” (FONSECA, 2016 p.33) Feitas artesanalmente, a maioria das confecções no Brasil são tecidas coletivamente.

A maior discussão do grupo foi em torno de imagens da “Rede Social” e de outras proposições do Coletivo Opavivará! Por último o nosso olhar se voltou para uma rede que não estava na exposição e através **de imagens e vídeos conversamos um pouco sobre a proposição “Rede de Elástico” (1974) de Lygia Clark**. A maioria dos estudantes ficaram entusiasmados em construir a nossa própria rede nos inspirando na “Rede de Elástico” de Lygia Clark, e imaginaram que poderiam torná-la uma rede de dormir. Porém, estas discussões ocorrerem em apenas uma aula e assim algumas questões neste primeiro momento ficaram abertas por falta de tempo, mas guiaram nossas próximas ações: **Qual a relação da rede com o coletivo? Que desenho queremos para a nossa rede? Onde realizar a sua construção, qual espaço da escola? Como fazer com que se torne um jogo propositivo interagindo com o cotidiano escolar e com os outros estudantes da escola?**

Vídeo da rede que passei para os estudantes:
<https://www.youtube.com/watch?v=eLBtgVDs3qs>



Terceira etapa- construção de uma rede de elásticos de roupa coloridos:

material barato, por ser elástico não machuca os estudantes na interação com a rede e por ser colorido é mais um item no processo de criação coletiva, este material foi escolhido por mim, pois já havia tido uma experiência anterior em construir uma rede com elástico de plástico e logo se estourou e doía se pegava em alguém. **Eu decidi o material, mas o desenho da Rede foi decisão dos estudantes.**

Para tecer a rede foi necessário que todos os estudantes se envolvessem e levou três aulas que ocorreram todas no mesmo dia, pois uma professora faltou e outra cedeu sua aula para que este tecer ocorresse na sequência. (São seis aulas por dia nesta escola, foi utilizado a primeira aula e as duas últimas do dia) Algumas professoras quiseram participar deste processo.

1º aula - cortar os elásticos - ocorreu na sala de aula: os estudantes decidiram que os elásticos deveriam ter tamanhos parecidos. Uma outra professora também quis participar e sentou-se no fundo da sala, esta observou que os estudantes mesmo trabalhando em pequenos grupos ainda não pensavam no coletivo, dizendo que o elástico de uma determinada cor era seu. No final desta aula, colocamos os elásticos cortados dentro de uma mesma sacola e muitos estudantes não queriam misturar seus elásticos com os de seus colegas. Foi o primeiro exercício de coletividade, **um pequeno exercício de desapego.**

2º e 3º aulas - tecer a Rede, por escolha dos estudantes ocorreu em uma das quadras, ambiente mais espaçoso da escola: Os estudantes se dividiram primeiramente em pequenos grupos e para tecer utilizaram diversas partes do corpo como vemos na imagem. Houve algumas dificuldades de os estudantes do 6º ano A para unir todos este grupo e formar uma rede só, mas outra turma de sexto ano, o 6º ano D, chegou na última aula para participar deste tecer, e estes conseguiram unir todos festejando cada vez que uma parte da rede era unida. Alguns estudantes do 6º.ano A também auxiliaram nesta união como vemos no relato de uma estudante na página a seguir.

Bem eu escolhi o trabalho sobre a rede coletiva porque foi a arte que eu mais gostei, eu acho que foi a que mais nos uniu, eu fiquei ajudando quase todos os grupos que chegaram e não sabiam o que fazer, quando estava no final todos estavam pegando as tiras que ficaram soltas no chão para juntar tudo e nos espaços da rede que estavam grandes estávamos dando nó. (Relato de uma estudante)



Registros construção e primeiro contato com a Rede Coletiva Fonte: Arquivo pessoal



Após a finalização da Rede Coletiva utilizando todos os pedacinhos de elásticos, os estudantes brincaram com as possibilidades de sua estética. **O entusiasmo com a Rede Coletiva finalizada era grande e mesmo depois de tocar o sinal da saída, alguns não queriam ir embora, para continuar brincando com as possibilidades entre a rede, seus corpos, os espaços e a luz que passava pelos elos.** “O coletivo como elemento vivido começava a modificar a sua percepção de mundo.” (CARNEIRO, 2004 p.120)

Uma estudante que teve dificuldade no início do processo em lidar com o coletivo e que falou no início do projeto que se movimentar era perda de tempo, ficou extremamente feliz ao finalizar a Rede Coletiva e me abraçou gritando “**Conseguimos!**” Ela depois de brincar com as sombras que os elos faziam no chão do pátio, deitou-se embaixo da Rede Coletiva e seu olhar registrou esta foto que vemos na imagem ao lado.

[...] a rede ampliou a convivência durante o intervalo entre os alunos, e os aproximaram. Além disso, era interessante a forma como as crianças criavam mil e uma maneiras de brincar com a rede em grupo ou individualmente. (Relato da inspetora que participava de todos os intervalos e faz parte da Rede de Parcerias)



Registros vivências com a Rede Coletiva Fonte: Arquivo pessoal



O estudante de inclusão do 6º ano A participou de todo o processo da construção da Rede e quando finalizada se enrolou na Rede Coletiva e saiu pelos seus vãos como vemos na imagem ao lado acima. “Podemos dizer, à maneira de Lygia, que a rede de elásticos se transformou numa membrana, que os participantes atravessam para “nascer” do outro lado.” (CIOTTI,2014 p.54) Outros estudantes também tentaram ter a mesma experiência, pois acharam incrível o que ele fez, mas a **“experiência não pode ser exportada, ela só pode ser reinventada.”** (FREIRE, 2014 p.27) e assim reinventaram este nascer, colocaram a Rede Coletiva mais próxima do chão, deitavam e se cobriam com ela criando uma imagem que remete a uma **rede de dormir**.

A vivência da Rede Coletiva ocorreu até o final do projeto nos momentos dos intervalos. Os estudantes criaram diversas brincadeiras com a Rede nos espaços comuns da escola, principalmente o pátio e corredores. **A Rede foi usada como rede de dormir uma vez, mas com ela criamos diversas brincadeiras.** A Rede Coletiva conectou outros estudantes e se tornou o centro do projeto.

O estudante que vemos na imagem ao lado embaixo, se ligou intensamente com a Rede Coletiva e pediu para que a rede continuasse a existir de forma mais presente no cotidiano escolar. Este estudante depois de alguns dias, emocionado com algumas lágrimas no rosto disse que “sem a Rede Coletiva não iria mais para a escola, não faria mais sentido a escola sem a Rede”. Fiquei preocupada no primeiro momento e procurei entender o porque deste sentimento tão forte. Percebi que a Rede é um espaço de socialização e que cria novas relações entre as pessoas e desta com o espaço. No final do projeto o estudante relatou: “Amo a rede ela me fez eu me apaixonar por arte.” (relato do estudante) e em uma conversa no último dia de aula, o estudante disse para mim que não precisava mais da Rede e que no ano seguinte criaríamos novas experiências com arte. Com esta fala percebemos que a Rede já tinha feito sua função, uma reconexão com o coletivo. “Há uma busca por recuperar um viver social. Neste sentido é como um trabalho de restauração.” (PAIM, 2009 p.177)

A cada dia este estudante junto com sua melhor amiga, me mostravam uma nova brincadeira que haviam criado com a Rede Coletiva. Conversávamos sobre o coletivo, o criar e o brincar, uma “socialização que brota por meio de exercícios de convivência e de troca afetiva, que por mais banais que pareçam ser, sempre fazem surgir algo novo.” (ALMEIDA, 2019 p.219). Chamarei estes dois estudantes de **dupla Amarela** (escolhi esta cor pois estes estudantes agiram como a flor Silva Manso) **estes estudantes que se tornaram meus maiores parceiros nesta jornada!**

A dupla amarela iniciou quatro Ações Coletivas a partir da Rede Coletiva. Estas ações ampliaram as experiências coletivas para toda a escola. Com as Ações Coletivas fez surgir um grupo que uniu quinze estudantes de todos os sextos anos (A, B,C e D) no contraturno e também em alguns intervalos da unidade escolar.

O grupo vivenciava dos Jogos Propositores em todos os ambientes da escola, sendo que esta estava vazia no momento que acontecia estas experiências, pois era um horário intermediário entre o período da manhã e da tarde. A criatividade percorria de forma livre e intensa durante a socialização e o convívio entre os participantes deste coletivo. Tanto nos intervalos como no contraturno, “a coletividade pode reunir e potencializar a vontade e a capacidade criativa de diversos indivíduos” (VOLZ, 2019, p. 11). O grupo também criou seus próprios jogos e discutíamos sobre as ações coletivas.

A relação entre estes estudantes sempre foi muito democrática, horizontal e afetiva. Esta horizontalidade das relações que buscava na sala de aula desde o início do projeto, encontrei de maneira mais forte nos momentos de vivências dos jogos propositores e também neste grupo no contraturno. Um exemplo disso aparece na fala de um estudante no início de uma vivência: “Não esquece que você tem que participar. Aqui você não é professora, faz parte do grupo”. Essa fala demonstra a visão do estudante em relação à figura do(a) professor(a) como aquele(a) que não participa do processo, aquele(a) que apenas passa as instruções do jogo e observa de fora. A relação horizontal do coletivo, quebra com essa relação tradicional entre professor e aluno. E refletiu na sala de aula, já que algumas estudantes do 6º ano A participaram do grupo. **Ao me verem como parte integrante deste coletivo**, como parceira que está ao lado deles e não acima ou contra eles, a relação professor-aluno transformou-se e foi criado **um espaço aberto ao diálogo, intensificando a experimentação coletiva de forma mais fluida**. A fala e a participação de todos são vistas como um elo importante na construção deste coletivo, pois o “desejo genuíno de estar junto é estratégia para fazer insurgir um ‘nós’ mais singular” (ALMEIDA, 2019, p. 213).

2 primeiras Ações Coletivas

Objetivo da Ação Coletiva 1: Levar a Rede Coletiva para o contraturno (período da tarde) no fundamental I e II (1º, 2º, 7º e 8º anos) pois os estudantes acreditavam que a Rede por ser coletiva deveria ser de toda a escola. **Estudantes envolvidos na primeira Ação Coletiva:** dupla amarela e duas estudantes do 6º ano A

Objetivo da Ação Coletiva 2 : Expandir, divulgar e valorizar as criações brincantes com a Rede Coletiva a partir da produção de um vídeo. **Estudantes envolvidos na primeira Ação Coletiva:** dupla amarela e nove estudantes do sexto ano (1 do 6º. B,4 do 6º.C e 4 do 6º. D) Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CY9wMQhxqv8>



Ação Coletiva 1: Estudantes do 6º ano A junto com crianças do primeiro ano do ensino fundamental I Fonte: Arquivo pessoal



Etapa 5

Jogo Propositor 4 - Corpo Coletivo e Visita à UNESP - IA

Duas arte-educadoras de Rosário - Argentina, Cynthia Blaconá e Jimena Rodriguez, visitaram a UNESP-IA(Instituto de Arte) em abril de 2019 e relataram sobre o projeto "Passiflora Caeruela: vibraciones infinitas", os seus relatos me mobilizaram à ação para realizar a proposta de levar os estudantes para a esta universidade, local onde realizo mestrado e perto da escola. Pois o projeto "Passiflora" liga os espaços educativos, artísticos e acadêmicos. Esta proposta só foi possível de ser realizada, pois conseguimos um transporte gratuito, cedido pela UNESP-IA, mas por ser um pequeno micro-ônibus **realizamos as visitas em dois dias diferentes, com 19 estudantes cada dia.**

Nestes dois dias, estudantes e educadoras saíram de seu cotidiano escolar para vivenciar uma nova experiência dentro de uma universidade voltada às Artes e a curiosidade estava presente em todo o processo, como foi relatado pela professora auxiliar: **"Foi de grande aprendizado, pois os alunos ficaram fascinados com tudo, muito curiosos"** (Relato de uma educadora)

O foco do olhar ao longo das duas visitas, foram traçados pela palavra coletivo, durante o caminho para conhecer os espaços da UNESP-IA, no ateliê de pintura uma estudante convidou os estudantes para participar do processo de uma obra, tornando-o coletivo. O PIAP (Grupo de estudo sobre percussão) mostrou aos estudantes o coletivo no processo de criação musical. No Circo fizemos diversas dinâmicas corporais coletivas e cooperativas. **E foi na primeira visita a UNESP que ocorreu a Ação Coletiva 3**

Objetivo da Ação Coletiva 3: A UNESP-IA está muito próximo do Memorial da América Latina e decidimos que seria uma oportunidade para os estudantes conhecerem este espaço, o que separa os dois ambientes é apenas o Metro Barra Funda. **Na travessia da UNESP ao Memorial ocorreu a terceira ação coletiva, proposta por um dos estudantes da dupla amarela e o grupo aceitou o desafio:** todos interligados pela Rede Coletiva, tínhamos o intuito de vivenciar a Rede fora do ambiente escolar e **vivenciamos uma performance coletiva no meio do metro Barra Funda!**

Estudantes envolvidos na terceira Ação Coletiva: dupla amarela e 17 estudantes do sexto ano que estavam na primeira visita à UNESP. **Decidi também participar e fiquei no final da Rede Coletiva, quem comandava eram os estudantes. O metro Barra funda se transformou em outro lugar.** Um lugar de vivência coletiva, de um pequeno grupo entre uma multidão. Participar do jogo e da experiência junto com os estudantes foi fundamental para sentir e vivenciar as sensações de cada parte do processo deste caminhar. Como participei junto, acabei não tirando foto deste momento, mas trago um desenho feito por um estudante deste caminhar coletivo.



Registros da Visita A Unesp e no Memorial da América Latina Fonte: Arquivo pessoal



Desenho de um estudante da Dupla Amarela feito em um EVA, o estudante desenhou em casa, de iniciativa própria e depois construiu um quebra-cabeça, criando assim seu próprio jogo. Fonte: Arquivo pessoal

Na visita ao Instituto de Arte - UNESP, em um dos ateliês da universidade, ocorreu uma parte da construção do **Jogo Propositor 4** inspiração na proposição “Corpo Coletivo” 1970 de Lygia Clark. **A escolha de começar a confecção do jogo neste local, foi porque estudantes do sexto ano, nenhum pertencente ao 6º ano A, que estavam interessados no projeto estavam presentes nesta visita.**

Os 15 macacões de cetim foram confeccionados por uma vizinha costureira que se ofereceu para ajudar, mas estes foram transformados pelos estudantes. Para tecer, além de agulhas de tapeçaria, os estudantes cortaram pequenos furos e assim passaram as linhas por esses espaços. **O ateliê deu mais liberdade para este tecer**, os materiais foram utilizados no coletivo e ficaram espalhados pela grande mesa, de forma que os grupos poderiam transitar livremente pelo espaço. Cada grupo teve seu processo criativo, alguns decidiram que um dos integrantes vestiria o macacão e assim os outros poderiam ter mais visão de como ficariam suas ideias. Mas nos dois dias de visitas a maioria dos grupos escolheram tecer o macacão sobre a mesa. **Um grupo que decidiu já fazer um macacão coletivo onde duas pessoas podem usar ao mesmo tempo.** Os dois estudantes caminharam pelos corredores do quinto andar da universidade unidos pelo macacão duplo que teceram, se conectando de uma forma livre com aquele espaço. **No final desta primeira interferência escutei dois estudantes conversando sobre como seria interessante se tivessemos pintado os macacões já que estávamos em um ateliê de pintura.** Ao longo do processo aprendi que a escuta atenta é uma parte importante na relação simétrica, onde aprendemos com o olhar do outro. Por isso de volta à escola, a segunda intervenção veio a partir da fala do educando e com tinta intervimos em oito macacões. **Ao final da pintura uma educadora que passava no local deu a ideia de pendurar os macacões em um varal e se tornou uma intervenção no espaço onde todos queriam tirar foto com os macacões**

*****Porém antes da interferência com tinta, tivemos a primeira experiência coletiva com os macacões que ocorreu em 2 dias.** No “Corpo Coletivo” de Lygia Clark os macacões são costurados um nos outros, mas em nossa vivência acívés de costurá-los, cortamos alguns elásticos de roupa que havia sobrado da Rede Coletiva e conectamos uns aos outros. Alguns estudantes do 6º ano A não quiseram participar, pois tiveram vergonha de vestir o macacão, então no segundo dia usar ou não o macacão era escolha de cada um e mesmo assim alguns tiveram dificuldade quando a experiência era com a sala toda, preferiam grupos menores. Nestes dois dias, em uma roda de conversa, dialogamos sobre a democracia, regras em jogos e sobre o coletivo. **Discutimos a diferença entre coletivo e massificação, pois “são as intensidades transindividuais que garantem a força irradiadora do coletivo” (MIGLIORIM,2012 p.3)**

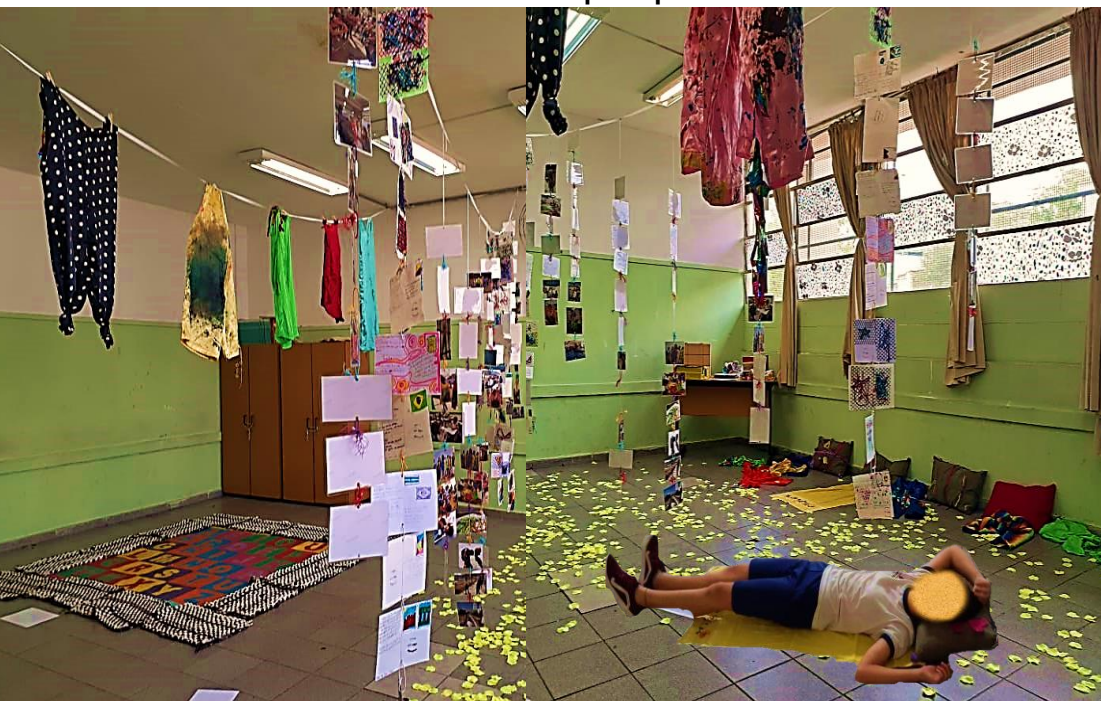


Registros pintura dos macacões, vivências do Jogo Propositor 4 e intervenção no pátio. Fonte: Arquivo pessoal





Foto representando a união do PCA e foto da exposição Nossa Trama.
Fonte: Arquivo pessoal



Etapa 6

Exposição Nossa Trama e Ação Coletiva 4-PCA (Projeto Coletivo Artístico)

“O PCA é um projeto coletivo artístico, que uni alunos da escola deixando a gente à vontade para **usar e fluir nossa criatividade.**” (Relato de uma estudante)

“[...] **somos praticamente uma família de amigos, somos um conjunto artístico.** O projeto significa muito para mim, igual para a professora e meus colegas. Esse projeto ficará marcado não só na minha vida como na vida dos meus colegas e da nossa professora.” (Relato de uma estudante)

Objetivo da Ação Coletiva 4: O PCA- Projeto Coletivo Artístico já existia através das Ações Coletivas e nos encontros do grupo fora do horário escolar, mas normalmente não nomeávamos estes encontros que ocorriam nos intervalos e no contraturno, se alguém perguntava o nome do nosso grupo respondíamos apenas que fazíamos parte do “Projeto de Arte” ou “Projeto da Rede”. Por isso considero uma Ação Coletiva o momento que decidimos abrir o grupo para novos integrantes e oficializar o grupo. Momento este que, além de pensarmos qual nome daríamos ao nosso grupo, também nos levou a refletir quem éramos como um coletivo. **O PCA é, portanto, um dos resultados deste projeto, pois fez surgir um coletivo artístico na escola.**

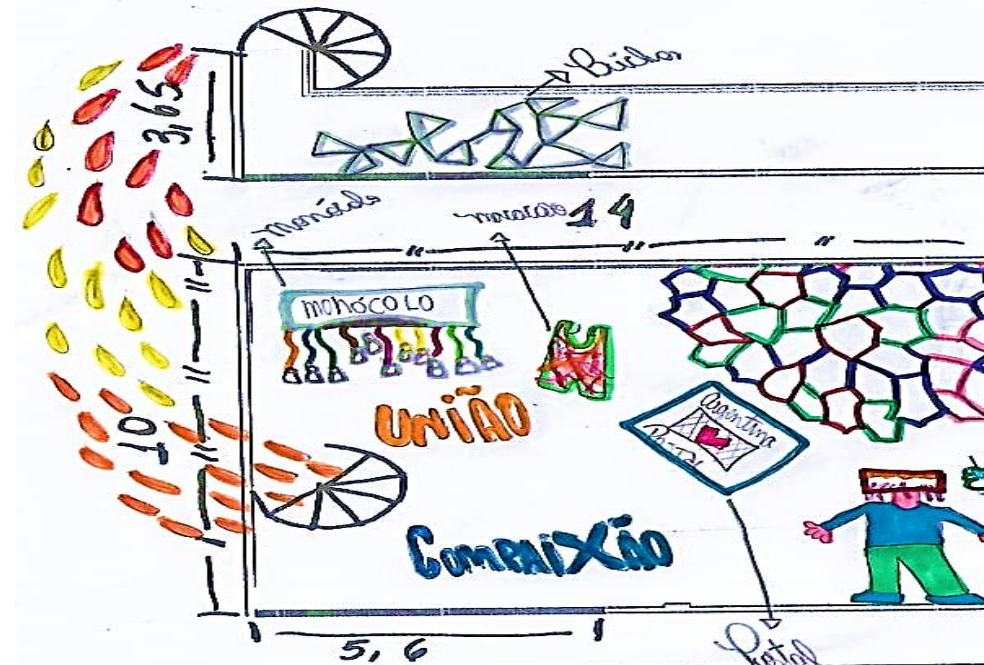
Estudantes envolvidos na quarta Ação Coletiva: o PCA iniciou com a dupla amarela e mais 13 estudantes de todos os sextos anos (A, B, C e D). No final tivemos ao todo 25 estudantes envolvidos todos dos sextos anos.

Para tecer uma trama precisamos de fios que se entrelaçam para compor um tecido, uma rede ou um enredo. Cada etapa deste projeto é um fio conectado ao todo. **A exposição “Nossa Trama” foi um destes fios, pois reúne todo o percurso do projeto em apenas um ambiente. Todos os estudantes do 6º ano A e integrantes do PCA participaram da elaboração,** planejamento e curadoria da exposição que fez parte da Feira Cultural. Uma feira que ocorre anualmente na unidade escolar no final do ano letivo. Mas apenas estudantes do PCA se dedicaram à montagem da exposição, lembrando que no PCA há integrantes de todos os sextos anos (A, B, C e D). Os outros educandos do 6º ano A que não participaram, auxiliaram na montagem de outros ambientes da Feira Cultural. **A elaboração da exposição** foi planejada para expor tanto na unidade escolar como na UNESP, fortalecendo o diálogo entre a universidade e o ensino básico e valorizando os percursos e experiências coletivas que tecemos ao longo da projeto, criando uma ponte com a visita dos estudantes neste espaço. Primeiramente, planejamos a exposição dentro a partir do esboço da Galeria Alcindo Moreira Filho do Instituto de Arte da UNESP. A exposição ocorreria na universidade apenas em 2020, mas por conta da pandemia provocada pelo vírus Covid-19, não foi possível realizar esta ação. Individual ou em pequenos grupos, o planejamento também foi um processo de reflexão sobre as experiências coletivas vividas e um desejo de ampliar estas experiências a outras pessoas. **Além do planejamento, cada estudante fez um relato de experiência escrito escolhendo uma parte do projeto e a maioria escolheu falar da Rede Coletiva.**

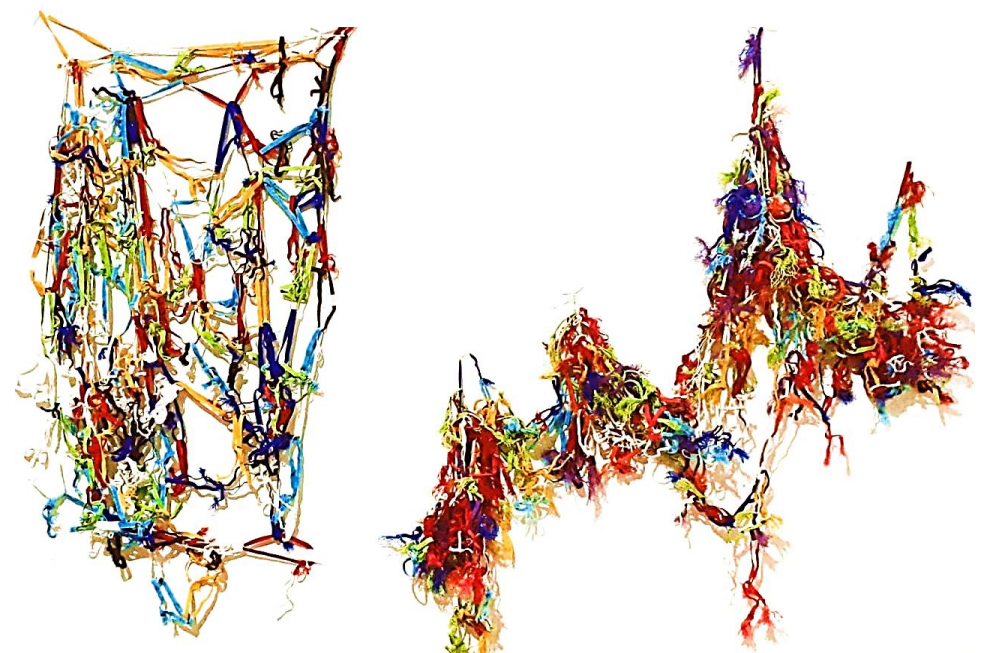
A partir dos desenhos realizados pelos estudantes para a elaboração e curadoria de seus próprios processos, entre os estudantes do PCA foi discutido duas questões que se conectam e permearam o espaço expositivo. A primeira questão é o desejo do grupo **criar na exposição um espaço para o jogo ocorrer dentro deste ambiente**. O tapete de letras se tornou o principal elemento disparados para os jogos, tornando o espaço não apenas expositivo, mas participativo e experimental. A segunda questão que também era um desejo do coletivo, foi **criar um espaço para o diálogo e sociabilização**. O espaço foi construído por quatro almofadas personalizadas pelos próprios estudantes em um de nossos encontros no contraturno. As almofadas também se transformaram dispositivos para momentos de ócio. O ócio também se relaciona com a rede de dormir que “balançava entre o ócio necessário para a criação e o compartilhamento coletivo” (FONSECA, 2016 p.236) Este espaço de socialização é também símbolo das partilhas afetivas tecidas no projeto. **As pétalas amarelas representando a flor Silva Manso, deram uma unidade ao espaço** e um convite de entrada, pois iniciaram na porta e depois ocuparam todo o lado direito da sala que era destinado ao espaço de convívio. **Os estudantes do PCA, decidiram tecer uma nova Rede Coletiva, para mostrar para os visitantes como a rede era antes das experiências vividas**, antes das milhares brincadeiras. Como em um relato dos estudantes do 6º ano A diz que a Rede Coletiva está “estourada” depois de brincar tanto com ela como podemos ver em sua fala: “Nos divertimos muito, aliás a rede vamos dizer está “viva”, mas bem estourada.” A nova Rede Coletiva preencheu a porta da sala que ocorreu a exposição, e a antiga Rede Coletiva estava disponível para ser vivenciada através de brincadeiras tanto dentro do ambiente de exposição como fora no corredor da escola. **A imagem das duas Redes Coletivas é, portanto, símbolo deste processo, do trajeto da pesquisa, destas transformações nas relações tecidas ao longo do tempo. As duas Redes Coletivas, uma representando o início dos laços, elos e nós de um coletivo chamado escola. A segunda com as marcas do tempo em suas entranhas, o coletivo e a sociabilização que se ampliaram e se fortaleceram através do brincar, dos diálogos, afetos e pequenos exercícios de liberdade. Tanto o PCA e quanto o 6º ano A, além de vivenciar novas experiências coletivas e processos de criação com pequenos e grandes grupos; os estudantes viram a escola como um grande coletivo, se tornando mais atuantes e protagonistas dentro deste espaço.**

Ao longo do ano letivo, o corpo docente em suas discussões semanais, perceberam que não era apenas os estudantes que tinham dificuldade de trabalhar coletivamente, mas nós professores também enfrentávamos estas dificuldades. Foi lembrado por algumas educadoras que no passado, a escola tinha uma dinâmica mais coletiva com salas ambientes e baseada em projetos. As salas ambientes voltaram a existir no ano seguinte desta pesquisa. Deixo claro que a volta das salas ambientes não é resultado direto deste projeto, mas através dela observei que os estudantes teceram relações com o que havíamos vivido, comentaram comigo que o coletivo havia se expandido, pois a sala não pertencia mais apenas a uma turma, neste momento era de toda a escola, pois todos transitavam por esses espaços. **O fato de os estudantes comentarem sobre a salas ambientes ligando com tudo que eles viveram ao longo do projeto é um resultado direto do projeto. Pois a partir das experiências vividas, os estudantes conseguem discutir de sobre o coletivo frente a mudanças no ambiente escolar.** Algumas transformações também se apresentaram de forma física; depois do projeto a gestão da unidade escolar investiu no pátio, pintou no seu chão diversas brincadeiras como amarelinha, jogo da velha e caracol de números. E como percebemos que muitas crianças gostavam desenhar com giz por todo o espaço nos momentos dos intervalos, conseguimos por meio de uma doação, uma grande lousa que ocupou uma das paredes do pátio. As crianças puderam continuar desenhando no chão e nos pilares, mas agora tinha mais um local para explorar.

Este projeto me fez refletir sobre o meu ser professora, e se conectou ao meu ser artista e pesquisadora, tomei consciência que busco dentro da educação: o experimental, processos de criações coletivos e exercícios da liberdade. Continuarei nesta busca por uma educação tecida por relações democráticas e horizontais entre todos que atuam no espaço escolar. Uma educação vista como uma trama coletiva tecida por afeto e parceria. **E foram os estudantes que deram vida a este projeto**, então queria aqui dizer parabéns a todos os envolvidos e parceiros nesta jornada!



Desenho de um estudante do 6º ano A para planejar a exposição e fotos das duas Redes Coletivas. Fonte: Arquivo pessoal



Referências Bibliográficas

- **ALMEIDA**, Bruno Gomes. **O encontro como estratégia de estar-junto da Arte Contemporânea**. Palíndromo, v. 11, n. 25, p. 214-229, set - dez 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5965/2175234611252019212>> último acesso 15/04/2020
- **ARAÚJO**, Anna Rita Ferreira. **Encruzilhadas do Olhar no ensino das artes**. 2007, editora Mediação, 1º. Ed. 112p. ISBN: 978-85-770-6017-7.
- **CARNEIRO**, Beatriz Scigliano. **Lygia Clark e Nietzsche-zaratustra:trajetoias**. Revista Puc-SP,2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5030>> último acesso 6junho2019
- **CIOTTI**, Naira. **O professor- performer**, 2014. Editora EDUFRRN, 68p. ISBN: 978-85-425-0004-2
- **CLARK**, Lygia. **Livro-obra Bichos** disponível em <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=15>acesso 03/10/2019. O livro obra é editado em 1964 por Luciano Figueiredo e Ana Maria Araújo, em uma série limitada de 24 exemplares.
- **Diários**. Trechos disponíveis em <<http://www.lygiaclark.org.br/associacaoPT.asp>> último acesso 29/09/2019.
- **GOGAN**, Jessica. **Domingos da Criação**: uma coleção do experimental em arte e educação. Colaboração: Frederico Moraes. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017 ISBN:978-85-94487-00-1
- **HUIZINGA**, Johan. **Homo Ludens**. O Jogo Como Elemento da Cultura. 2018. Editora: Perspectiva. 8º. ed 243pp IBN 978-85-273-0075-9
- **FREIRE**, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessário à prática educativa. Ed. Paz e Terra, 1966.
- **Pedagogia da Solidariedade**. Organização: Nita Freire. Gravação, transcrição e tradução: Walter Ferreira de Oliveira. 1ª Edição Ed. Paz e Terra, 2014
- **FONSECA**, Raphael do Sacramento. **Construções do Brasil no vaivém da rede de dormir** Orientadora: Maria Cristina Louro Berbara. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes. – 2016. 468 f.: il. CDU 7(81):301.
- Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3910231>
- **MACHADO**, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & e a Educação** - Belo Horizonte: Autentica editora, 2010- Coleção Pensadores & Educação,19
- **MEIRA**, Elinaldo. **Monóculo só se for aqui!** Na minha terra é binoclo. 2015-São Paulo-PerSE.
- **MENEZES**, Ana Angélica da Costa. **Imagem, história e memória**: um olhar sobre os monóculos fotográficos– Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016. 59 f. Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016. Orientação: Teresa Basto
- **MIGLIORIN**, Cezar. **O que é um coletivo**. Liv e Ingmar. Teia. Dizer o Indizível. Instituto Moreira Salles- IMS. Dezembro de 2012. Disponível em: < http://www.teia.art.br/a/up/files/IMS_12_2012.pdf> último acesso 11 de agosto de 2019.
- **MILLIET**, Maria Alice, **Lygia Clark: Obra-Objeto**. Ed. Edusp 1992
- **PAIM**, Claudia. **Coletivos e Iniciativas Coletivas**: Modos de Fazer na América Latina Contemporânea. Instituto de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese defendida em 2009. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17688/000722624.pdf;sequence=1>> último acesso 24/04/2020
- **RACHEL**, Denise Pereira- **Escrever é uma maneira de sangrar**: estilhaços, sombras, fardos e espasmos auto etnográficos de uma professora performer / Denise Pereira Rachel. - São Paulo, 2019. 303 f.: il. Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes André Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes
- **OPAVIVARÁ!** - site oficial: < <http://www.opavivara.com.br/>> último acesso 15/04/2020.

Primeira Rede
Coletiva depois das
Vivências. Fonte:
Arquivo pessoal

